

BEM LONGE DA VIOLÊNCIA

FOTOS: FERNANDO MADEIRA



Bem longe dos grandes centros, há cidades do Estado, como Divino de São Lourenço, onde se pode deixar a porta de casa aberta e a chave dentro do carro

ELES CONTAM COMO É A VIDA NO PARAÍSO

Em Divino de São Lourenço, há 12 anos não tem homicídio

/// PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redgazeta.com.br

Era uma vez uma cidade onde os moradores dormiam com as portas de casa abertas, comerciantes não sabiam o que era assalto e o coveiro nunca tinha sepultado nem sequer uma vítima de homicídio.

Pode até parecer história de ficção, mas essa é a realidade de pelo menos sete municípios capixabas onde o índice de violência é praticamente zero.

Considerados paraísos perdidos num Estado que mantém a posição de segundo mais violento do Brasil, essas localidades – todas com menos de 15 mil habitantes – preservam hábitos impensáveis para as grandes cidades, como

deixar a porta de casa aberta, a chave dentro do carro e a bicicleta sem cadeado.

Em Divino de São Lourenço, menor município capixaba, apenas um homicídio foi registrado nos últimos 12 anos. Na cidade, localizada em meio às montanhas da região do Caparaó, Sul do Estado, senhoras se encontram na frente das casas para contar “causos” ou tricotar, enquanto crianças brincam na rua sem nenhuma preocupação.

É comum também os moradores usarem os bancos da praça para tirarem um cochilo, sem barulho de trânsito para atrapalhar o descanso, como se estivessem em casa.

“Essa é a melhor cidade em que já morei em toda a



“Quando tem algum problema na rua, sou o primeiro a saber. E procuro resolvê-lo”

—
MIGUEL LOURENÇO DA COSTA, PREFEITO DE DIVINO DE SÃO LOURENÇO

minha vida. Durmo com a porta de casa aberta e não tem perigo nenhum. Não acontecem crimes. Quando tem problema com algum bêbado, a polícia não prende, leva a pessoa para casa”, diz o aposentado

Nilton Santos Filho, 72, acompanhado pela esposa, Marlene das Graças Ramos, de 57, que fazia tricô na janela de casa no momento da entrevista.

Para o padre Olímpio Andrade Sobrinho, o cli-

ma de paz na cidade é resultado dos laços de solidariedade existentes entre os moradores. “Se alguém ficou doente, nasceu um bebê ou alguém casou, as pessoas não deixam de comparecer. A so-

lidariedade acontece de forma concreta”, relata.

Outra curiosidade é que na cidade todo mundo sabe da vida de todo mundo, mas não interprete isso como fofoca. “São valores que a gente não pode perder. Sou padre há 30 anos, já morei em 20 cidades, mas em nenhuma delas é como nesta aqui”, relata padre Olímpio.

Mãe de 13 filhos e rainha do grupo da Terceira Idade, Dona Vitalina da Conceição, de 96 anos, diz que é amada por todos em Divino. “Conheço todo mundo e todo mundo me conhece. Aqui não tem violência. Amo muito este lugar e odeio que falem mal”, brinca.

Para manter o clima de paz em Divino de São Lou-

renço, as autoridades locais apostam na atuação ostensiva da polícia e em ações educativas e de prevenção. Todo o trabalho envolve instituições como escolas, associações e igrejas.

“É um trabalho de longos anos de prevenção de crimes. Estamos sempre em parceria com a comunidade. Conhecemos cada cidadão. Quando chega alguém estranho, logo sabemos”, afirma o sargento Francisco Magalhães Borges, comandante local da Polícia Militar. E ele comemora: “O índice de furtos e roubos também é baixo, menos de um por mês.”

CONSELHEIRO

Na cidade mais pacata do Estado, o prefeito deixa o portão de casa aberto de dia e de noite. E é lá que Miguel Lourenço da Costa, de 72 anos, atende a maior parte dos moradores da cidade.

“Muitas vezes deixam de procurar a polícia para pedir meus conselhos. E eu presto ajuda. Aqui não existe perseguição entre as pessoas. Temos um povo fácil de lidar e um policiamento da melhor qualidade. Ando pelo município sem nunca precisar de seguranças. Minha proteção é Deus”, declara o prefeito.

SEGREDO

Outro paraíso visitado pela reportagem de A GAZETA foi Jerônimo Monteiro, município que há quatro anos não registra homicídios. Para o prefeito Sebastião Fosse, o segredo da tranquilidade está nas pessoas que vivem na cidade: “O povo é calmo e sabe se respeitar”.

O carroceiro Ailton José Salúcio de Mello, 48 anos, concorda com o prefeito. “Há 15 anos sou carroceiro e percorro os quatro cantos da cidade. Tenho orgulho de morar e trabalhar aqui, porque as pessoas são maravilhosas”, declara ele, no lombo de seu burro.

Uma tranquilidade que é seguida de perto por Alfredo Chaves, que há três anos não registra nenhum assassinato, e Atílio Vivacqua, onde há dois anos não ocorrem mortes violentas. Também figuram no ranking dos municípios com baixos índices de violência Marilândia, São José do Calçado e São Roque do Canaã, sem assassinatos desde 2013.



Sem alarmes nas lojas

“Até hoje só fiquei sabendo de um assalto. Morar aqui é excelente, mas parece que a cidade parou no tempo. Faltam oportunidades para os jovens, muitos precisam sair em busca de oportunidades”, diz o comerciante de Divino de São Lourenço Luciano de Mendonça, 42 anos.



Praça: local da criançada

Na cidade onde o trânsito quase não oferece perigo e o tempo parece passar mais devagar, todo lugar é lugar de crianças. Em Divino de São Lourenço, meninos e meninas saem da escola e vão brincar na praça da cidade, com os pais observando de longe.



Morte? Só de velhice

“Moro a 20 metros do portão do Cemitério de Divino de São Lourenço e costumo ir a sepultamentos. A cidade é muito tranquila e não tem morte por causa de violência, só por idade avançada. Gosto muito daqui e só tenho a falar bem”, diz Antônio da Silveira, 66 anos.

SEM MORTES

O ranking dos municípios do Estado que estão há mais tempo sem registrar casos de homicídio

DIVINO DE SÃO LOURENÇO

De 2002 a 2014, apenas um registro, em 2010

População: **4.516**

IDH: **0,632 (médio)**



JERÔNIMO MONTEIRO

Desde 2010 sem homicídio

População: **10.888**

IDH: **0,698 (médio)**



ALFREDO CHAVES

Desde 2011 sem homicídio

População: **13.960**

IDH: **0,710 (alto)**



ATÍLIO VIVACQUA

Desde 2012 sem homicídio

População: **9.840**

IDH: **0,708 (alto)**



MARILÂNDIA

Desde 2013 sem homicídio

População: **11.107**

IDH: **0,696 (médio)**



SÃO JOSÉ DO CALÇADO

Desde 2013 sem homicídio

População: **10.417**

IDH: **0,688 (médio)**



SÃO ROQUE DO CANAÃ

Desde 2013 sem homicídio

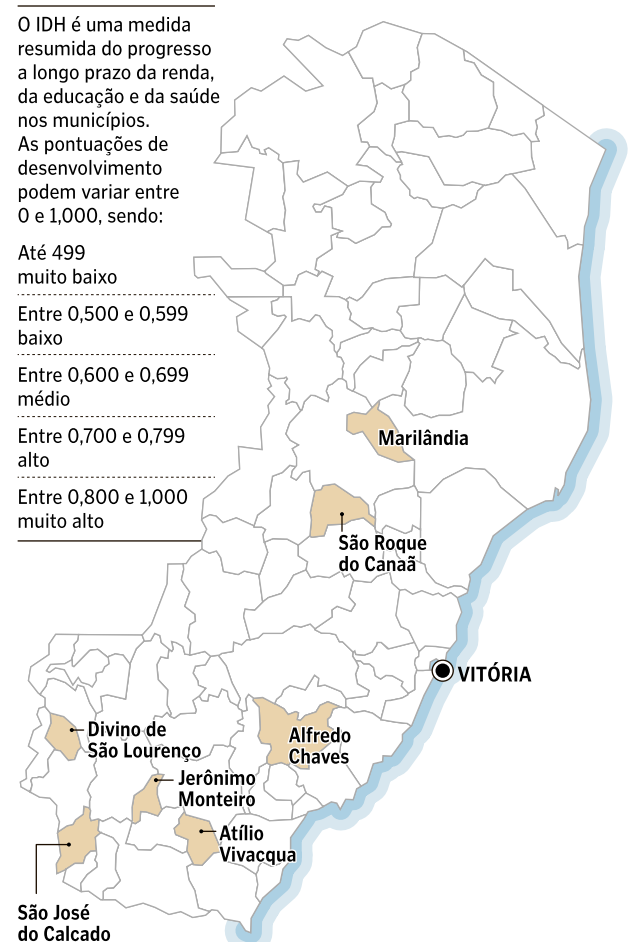
População: **11.287**

IDH: **0,700 (alto)**



O IDH é uma medida resumida do progresso a longo prazo da renda, da educação e da saúde nos municípios. As pontuações de desenvolvimento podem variar entre 0 e 1,000, sendo:

- Até 499 muito baixo
- Entre 0,500 e 0,599 baixo
- Entre 0,600 e 0,699 médio
- Entre 0,700 e 0,799 alto
- Entre 0,800 e 1,000 muito alto



gazetaonline.com.br

Veja fotos e vídeos sobre a vida das populações de Divino de São Lourenço e Jerônimo Monteiro

BEM LONGE DA VIOLÊNCIA

DELEGADO NUNCA INVESTIGOU ASSASSINATO

Jerônimo Monteiro, no Sul do Estado, não tem registro de mortes violentas há 4 anos

/// PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redgazeta.com.br

Era por volta das 15 horas, quando a reportagem de A GAZETA chegou ao Departamento de Polícia Judiciária (DPJ) em Jerônimo Monteiro. Na recepção, o delegado plantonista Robson Vieira Lima estava de prontidão, mas o local estava vazio, silencioso, sem a movimentação que é comum nas delegacias da Grande Vitória.

Desde quando começou a atuar na região do Caparaó, há dois anos, ele nunca precisou investigar um caso de homicídio em Jerônimo Monteiro. “Este é um dos municípios mais calmos da região”, revela.

A cidade está localizada a 194 km da Capital. Nas ruas, dificilmente se vê cercas elétricas nos muros e poucas casas contam

com grades de proteção.

Para o prefeito Sebastião Fosse, o baixo número de ocorrências policiais registradas na cidade, que está há quatro anos sem nenhum assassinato, pode ser explicado pela atuação do poder público em parceria com as polícias e com a comunidade.

“O índice de homicídios é baixo devido às políticas nas áreas de educação, saúde e assistência. Além do mais, não existe na cidade inimizade entre os moradores, mas sim entendimento”, frisa.

DROGAS

Apesar de Jerônimo Monteiro ter como principais características a sensação de segurança e o clima pacato, típico de uma cidade do interior, o delegado Vieira admite que o tráfico de drogas já chegou à cidade.

“Infelizmente não existem municípios totalmente tranquilos, mas sim menos complicados. O tráfico existe, mas a gente faz um trabalho para diminuir ou acabar com ele, mesmo sabendo que essa é uma missão árdua e complexa”, pondera o delegado.

Idealizadora de um projeto que visa a combater o tráfico e o uso de drogas na cidade, a professora Andréia Cristina Giri Dias aposta em ações de prevenção para manter os homicídios longe das estatísticas locais.

“Envolvemos cerca de dois mil estudantes da rede pública de ensino. Só com o trabalho conjunto vamos conseguir manter nossa cidade sem violência. E a escola é a porta de entrada para as coisas boas da sociedade. Só nela se formam cidadãos de verdade”, observa.

“Atuo em dez municípios e aqui em Jerônimo Monteiro nunca precisei investigar nenhum homicídio”

—
ROBSON VIEIRA
LIMA, DELEGADO



FOTOS: FERNANDO MADEIRA



26 anos e nenhum assalto

Dono de um comércio no Centro da cidade, Gilson Lugão de Brito orgulha-se do fato de estar há 26 anos no mesmo ponto e nunca ter sofrido qualquer tentativa de furto ou assalto. “Gosto muito daqui e não troco essa cidade por nenhum lugar no mundo,” diz.



3 dias com o carro aberto

“O veículo ficou parado na frente da minha casa e só três dias depois fui ver que estava aberto. Ninguém mexeu. Aqui não tem histórico de famílias bravas. Isso não faz parte da história da cidade. As pessoas são amáveis e solidárias”, diz a assistente social Alda Eliane.



21 dias sem sepultamento

O coveiro Lázaro Ribeiro chegou a ficar 21 dias seguidos sem realizar sepultamentos. “As pessoas morrem pouco aqui. Quando isso acontece é por velhice ou por causas naturais”, disse o jovem, que herdou a profissão do pai e nunca sepultou uma vítima de homicídio.